

relação sexual, no sentido de que não cessa de não se escrever, só pode ser algo pela via do contingente, pelo lado mulher, no sentido de que para de não se escrever. Que alguma coisa se escreva abre para duas vertentes. Por uma das vertentes, pulverizam-se as letras que retornam em relação ao isso que se tenta ser, no lugar do gozo materno, gozo unificante, segundo os significantes paternos. Ou seja, interroga-se assim o pacto simbólico que permite alguma realização na comunidade dos humanos, que tem a ver com a função do sagrado, mas, que, no simbólico mantém o desejo amarrado à compulsão de destino, enquanto gozo real, onde, e com o quê, então, se pode fazer um corte com a maneira como o sujeito vem escrevendo as letras, fazendo relação onde não há. Pela outra vertente, as letras que aí não fazem consistência de ser, por não poderem ser escritas, são as que autorizam o analista a sustentar sua prática, ou seja, o seu ato, que é fazer suporte do SsS para o seu “des-ser”.

Essa função, que uma mulher introduz, está forcluída em outros discursos, mesmo no da psicanálise, e só o analista pode despregá-la, por operações discursivas, o que tem a ver com os pontos cruciais do final de análise para Lacan. Ou seja, tem a ver com o real lacaniano, com mudar o gozo real que passa no buraco do discurso do mestre e nos aplaina o desejo. Gozo real que é possível mudar por operações discursivas, portanto, trata-se de um gozo real que decide a prática em termos de que esta venha a ter conseqüências. Enfim, a função que uma mulher introduz é a heterossexualidade, tanto para um sexo como para o outro sexo.

TRAMAS DO INCONSCIENTE¹Inezinha Brandão Lied²

“...a linguagem é verdadeiramente aquilo que só pode avançar torcendo-se e enrolando-se, contorcendo-se...”

J. Lacan. A Terceira.

“Façam como eu, não me imitem”. Lacan espirituosamente aconselhava aos seus ouvintes. Desafio lacaniano que coloca uma condição necessária para avançar, qual seja, a de não imitar. Exatamente esta condição permitiu a Lacan acompanhar a Freud, concedendo o devido mérito e lugar à obra freudiana, sem, no entanto, deixar de interrogá-lo e de interrogar-se constantemente, como podemos apreciar quando diz: “Para interpretar o inconsciente como Freud seria preciso ser como ele, uma enciclopédia das artes e das musas, além de leitor assíduo das *Fliegende Blätter*. E a tarefa de nos colocarmos à mercê de um fio de tecido de alusões e de citações, de jogos de palavras e de equívocos, não nos seria mais fácil.”³

Óbvia conclusão que se desprende: dizer-se freudiano não significa imitar a Freud, da mesma forma que se dizer lacaniano não implica imitar Lacan. Isto dá lugar a algo vital em nossa práxis – a singularidade. Psicanalista singular, Lacan encarnou este lugar com mestria, deixando a nós, psicanalistas, os efeitos de seu ensino fecundo.

À descoberta freudiana do inconsciente, Lacan com rigor inventivo precisou: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Quando no Seminário 22, Lacan coloca nos três registros – Real, Simbólico, Imaginário – a tríade freudiana – Inibição, Sintoma e Angústia, vai

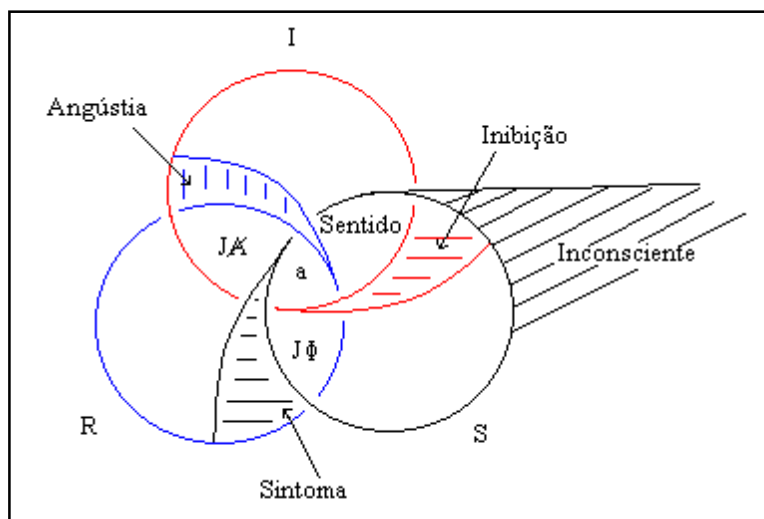
¹ Trabalho apresentado no Congresso de Convergência – Paris, janeiro de 2001.

² Membro da Maiêutica Florianópolis Instituição Psicanalítica.

³ LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 252/3.

nos surpreender ao situar o inconsciente em um lugar inusitado, um lugar de ex-sistência com relação ao nó borromeo de três consistências aplainado. No diagrama ali apresentado, o inconsciente está situado em um campo exterior àquele delimitado pela consistência dos três círculos.

Entre fios, nós e tramas, convidamos o leitor para determos nossa atenção neste ponto – o da localização, enquanto posição, do inconsciente em um campo exterior ao nó borromeo – para, a partir daí, interrogarmos sobre esta proposta lacanianiana.



Para uma primeira aproximação à questão, vamos buscar o que diz Lacan sobre a ex-sistência no referido seminário: “(...) se a ex-sistência se define, em relação a uma certa consistência, se afinal de contas não é se não esse fora, que não é um não dentro, se essa ex-sistência é de alguma maneira isso ao redor do qual se evapora uma substância, (...), disso não resulta menos que a noção de uma falha, que a noção de um buraco ainda em algo tão extenuado que a ex-sistência conserva seu sentido, que já lhes

disse (...) que há no Simbólico um reprimido, há também no Real algo que faz buraco, há também no Imaginário – Freud bem se deu conta disso – e é precisamente por isso que ele refinou tudo que é das pulsões no corpo como estando centrados ao redor da passagem de um orifício ao outro”.⁴

Nesta passagem, Lacan faz uma definição relacional da ex-sistência, e nessa relação está implicada “uma certa consistência”. Se algo ex-siste, conforme o termo heideggeriano, existe fora, e aqui podemos dizer fora da consistência. Mas não é somente um lugar fora, pois acrescenta que “não é um não dentro”. Ex-sistir é existir numa posição de ex-centricidade em relação a algo. O inconsciente assim colocado é “o um que cai da definição de outros lugares, mas que a eles não está incorporado”.⁵

O que é que deste inconsciente faz ex-sistência? O que ex-siste deste inconsciente é da ordem do que suporta, sustenta o sintoma. E o sintoma, prossegue Lacan no seminário RSI, “é o que no inconsciente pode traduzir-se por uma letra”.⁶

É necessário marcar uma pontuação mais sobre a ex-sistência do inconsciente. No seminário que nos ocupa, RSI, Lacan refere-se ao inconsciente como “este intervalo entre duas consistências”. Se há intervalo, há uma pausa, uma interrupção, há “um entre” as consistências. Esse espaço intervalar, propício à irrupção do inconsciente, “tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela.(...)”.⁷ Função pulsativa do inconsciente, de abertura e fechamento, marca a “descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação”.⁸

Do inconsciente sabemos por seus efeitos, ou seja, por suas formações – sonhos, chistes, sintomas e atos falhos. Efeitos do inconsciente

⁴ LACAN, J. *Seminário RSI*, 22. Inédito. Clase 13/01/75.

⁵ HARARI, R. *Intensiones Freudianas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991. p.169.

⁶ LACAN, J. *Seminário RSI*. *Op.cit.* Clase 21/01/75.

⁷ _____. *Seminário 11. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p. 30.

⁸ _____. *Ibid.* p. 30.

padecidos por um sujeito. Assim padecido, o sujeito é “atropelado” por um significante⁹ que irrompe de maneira inesperada nos ditos do *parlêtre*.

O lugar do inconsciente no diagrama marca um avanço, o de desembaraçar o inconsciente das profundezas. Lacan desfaz a idéia de inconsciente como algo submerso e profundo, por muito tempo nutrida a partir da imprópria denominação utilizada por Freud de “psicologia profunda”. O “profundo” não é nada mais, nada menos que superficial.

O inconsciente está na superfície, mais precisamente na superfície discursiva, e como desdobramento temos então que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, ou seja, o inconsciente e a linguagem têm em comum uma estrutura. A linguagem aqui, não é a linguagem como entendem os lingüistas, a que visa um código para obter boas mensagens, mas sim a linguagem que esburaca o real. A possibilidade de perfurar, de esburacar, é a possibilidade de fazer *alíngua*.

Em Roma, por ocasião da conferência, *A Terceira*, Lacan indicava que no conhecido aforismo há algo que escapa, há um mais além, “(...) que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, e que isso seja o melhor que temos, não significa sem dúvida que o inconsciente não dependa estritamente de *alíngua* (...)”.¹⁰ Nesta Conferência, contemporânea ao seminário *RSI* que tomamos como referência, encontramos o mesmo diagrama do nó borromeo de três, levemente modificado em sua formatação, porém mantendo a mesma localização do inconsciente, fora da área delimitada pelo Simbólico, afastado do sentido e em eixo com o sintoma. O eixo em questão sustenta a afirmação lacaniana de que “(...) há coerência, há consistência entre o sintoma e o inconsciente”.¹¹ E se, enquanto analistas, temos a possibilidade de operar sobre o sintoma, é exatamente porque o sintoma é o efeito da invasão do Simbólico sobre o Real.

⁹ HARARI, R. *El Seminario “La Angustia” de Lacan: una introducción*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. p.25.

¹⁰ LACAN, J. *A Terceira*. 1974. Inédita.

¹¹ _____. *Seminário RSI*, 22. Clase 10/12/74. Inédito.

Lacan, ao posicionar o inconsciente como ex-sistente, permite desfazer a idéia de absorção do inconsciente pelo simbólico, pois aquele não se reduz ao simbólico. A ex-sistência é da ordem do real e “pertence a este campo suposto pela ruptura”.¹² Assim é que “nossa interpretação deve apontar ao essencial que há no jogo de palavras para não ser a que nutre o sintoma de sentido”¹³, pois o efeito de sentido do discurso analítico “é preciso que seja real”.¹⁴ A clínica testemunha que o neurótico acredita que o seu sintoma tenha um sentido e busca na análise um desciframento para seu enigma. Então, qual pode ser o real de um efeito de sentido?

Neste mesmo seminário, Lacan invoca o parentesco do sentido com a boa forma, concepção valorosa à Gestalt, na qual tendemos “naturalmente” a completar uma imagem, por exemplo. A indicação lacaniana é precisa, o sentido tende igualmente a buscar a “boa forma”, “a completa”, e assim, de sentido em sentido, *sentidosobresentido*, o sintoma recebe seu alimento.

O sintoma, como derramamento do Simbólico sobre o Real, somente pode ceder no e pelo equívoco, quando a intervenção do analista consegue romper a esperada e “natural boa forma” que se aloja no sentido; e, ao contrário de inflar o sentido, faz ruptura. Na Conferência *A Terceira* Lacan reitera que “a interpretação não é interpretação de sentido, senão jogo com o equívoco, (...)”¹³, é nisto que se pode obter o real de um efeito de sentido. Se o sintoma neurótico se reduz e se dissolve no equívoco é porque “(...) a interpretação opera com *alíngua*”.¹⁵

O fato de habitar a linguagem não é sem marcas para o *parlêtre*. Disso se trata no inconsciente, o que implica “que se escute”.¹⁶ Efeitos, marcas da singularidade.

¹² _____. *Ibid.*

¹³ _____. *A Terceira*. Op. Cit..

¹⁴ _____. *Seminário RSI*, 22. Op.cit. Clase 11/02/75.

¹⁵ _____. *A Terceira*. Op. cit.

¹⁴ _____. *Ibid.*

¹⁶ _____. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.p.30